

# A Ação Universal do Espírito Santo

Pe. Fabricio Meroni PIME  
Professor de Teologia Sistemática

“Sem dúvida, o Espírito Santo já atuava no mundo antes de Cristo ser glorificado” (Ad Gentes 4/870)

O Concílio Ecumênico Vaticano II faz, pela primeira vez em um documento do Magistério, uma consideração positiva e mesmo insistente sobre a ação do Verbo e a presença operante do Espírito e de elementos salvíficos fora dos confins da Igreja<sup>1</sup>. Do mesmo modo, João Paulo II, na sua carta encíclica *Dominum et Vivificantem* sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo, lembra a ação do Espírito Santo fora do corpo visível da Igreja, antes de Cristo, desde o princípio, em todo o mundo e, especialmente, na Antiga Aliança<sup>2</sup>. A Tradição, é verdade, nunca perdera a concepção da universalidade da salvação de Jesus Cristo pela força do Espírito, mas fazia séculos que não considerava a positiva ação do Espírito em outras experiências religiosas, na consciência do homem e nas comunidades humanas.

Desenvolvendo uma atitude mais existencial, o Vaticano II passa de uma abstrata possibilidade de salvação em Cristo dos não cristãos para uma afirmação mais concreta e um reconhecimento mais indutivo da presença da graça de Deus na história da vida, mesmo religiosa, desses não cristãos. *Lumen Gentium* e *Nostra Aetate* deduzem tudo isso partindo de princípios teológicos acerca da universal vontade salvífica de Deus e da ordenação de todos os povos à salvação histórica, visivelmente operante na Igreja Católica. *Ad Gentes* e *Gaudium et Spes*, analisando a realidade de outras tradições religiosas e da comunidade humana universal, individualizam elementos mais concretos da presença de Deus no meio delas.

Para compreender teologicamente essa posição, que encontra na teologia logofônica de JUSTINO Mártir, IRENEU de Lião e CLEMENTE de Alexandria, alguns precedentes, precisamos desenvolver uma atenta reflexão sobre a unidade da autocomunicação de Deus, a especificidade do Espírito nessa automanifestação, e os sinais da presença do mesmo Espírito no mundo assim como este hoje se apresenta, já redimido em Cristo mas ainda em tensão escatológica.

## 1. AUTOCOMUNICAÇÃO DE DEUS NO ESPÍRITO

Criação, redenção em Cristo e plenitude escatológica representam uma unidade de autocomunicação divina que a economia da salvação fundamenta na intrínseca realidade do amor, como um sair de si mesmo, própria do Deus que

Jesus Cristo nos revelou como Pai. Se *Deus é Amor* (1Jo 4,8b), autocomunicar-se não seria só uma expressão, mas a verdade do próprio ser de Deus. O movimento da vida intratrinitária, cujo conhecimeto nós temos em virtude da revelação que desde a criação vai se realizando em nossa história e encontra em Jesus Cristo sua definitiva manifestação<sup>3</sup>, testemunha para nós que em si mesmo Deus é autocomunicação. Aquilo que acontece na história de toda a criação encontra na Trindade não só a sua condição de possibilidade para que aconteça, mas também a dinâmica de como tem que acontecer, para que seja sempre esse Deus a se manifestar.

A criação, como primeiro ato divino de saída de si mesmo, estaria toda orientada para a revelação do Filho de Deus, Jesus Cristo, porque Deus cria tudo no Verbo e pelo Verbo para poder se encarnar, sendo a encarnação a máxima expressão da sua autocomunicação (Cl 1,15-17). A criação do ser humano à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26) já está orientada para receber, na forma de homem, Deus como Filho: é a criação em Cristo (Rm 5,14; Ef 1,4-5; 2,10 e *Gaudium et Spes* 22).

O Filho, gerado desde sempre, revela o Pai, porque o Pai, que é tal só em relação ao Filho, encontra a si mesmo plenamente no Filho. O Espírito que procede do Pai participa, desde sempre, da geração do Filho e com o Pai faz com que essa geração não seja só auto-revelação mas também autodoação. O Espírito cria uma comunhão entre os dois tal que o Pai, no seu abrir-se ao Filho, seja o Pai; e que o Filho, no seu receber tudo do Pai, seja o Filho. O Espírito abre os dois para uma comunhão em que ambos, de maneira livre, sejam o Pai do Filho e o Filho do Pai. Na sua pericorese, o Espírito abriria a profundidade do ser do Pai até o ponto de ele ser Pai só na doação ao Filho, e a profundidade do Filho até o ponto de ele ser Filho só no absoluto relacionamento-proveniência do Pai. Deus ama no seu Espírito assim naturalmente como ele fala na sua Palavra. Deus não tem nada mais para falar fora do seu Fi-

“Os sinais da presença do mesmo Espírito no mundo”

lho, como não tem nada mais para amar fora do seu Espírito<sup>4</sup>.

A Palavra e o Sopro divino são contemporâneos e cooperantes em toda a atividade da Trindade: desde as processões intratrinitárias até à autocomunicação de Deus em Jesus Cristo, embora só na Revelação cristã seja revelada de modo claro a conexão trinitária do agir de Deus no seu autocomunicar-se.

A respeito disso, muito interessante é a contribuição do teólogo protestante Jurgen MOLTSMANN, no seu livro *O Espírito da vida. Para uma Pneumatologia integral*<sup>5</sup>. Ele elabora uma pneumatologia que recupera, com fidelidade à Escritura, a presença operante do Espírito, força da vida, dentro de toda a criação, na história de Israel e

na história de Jesus de Nazaré (cristologia no Espírito). O Espírito não estaria presente só na Páscoa para comunicar a nova vida do Senhor ressuscitado, mas a sua obra de auto-doação de Deus em Jesus opera já na encarnação, coopera na vida de Jesus e participa da sua morte e ressurreição. Assim raciocinando, na reflexão teológica o Espírito não teria só um papel pós-pascal de aplicação da redenção do Cristo aos homens. Sem esquecer a presença essencial dele na Ressurreição, MOLTSMANN evidencia a universal ação do Espírito como abrangendo todo o cosmo e a história humana.

Afinal, quando Deus se autocomunica, comunica-se sempre no seu Espírito, sendo esta a comunicação que conserva a unidade do Pai e do Filho, embora não elimine a distinção pessoal dos dois. O Espírito, também, opera em Cristo uma comunhão entre Deus e o homem e o mundo de maneira que essa união seja verdadeira e real embora sem confusão e mistura (contra toda forma de panteísmo). O Espírito é a força que realiza essa comunicação-comunhão, o espaço que Deus abre para encontrar tudo aquilo que reconhece como seu. Não há autocomunicação de Deus fora do Espírito. Do mesmo modo, não há autêntica experiência de Deus a não ser no Espírito. Portanto, este está sempre ativo e presente, seja qual for o jeito de os homens se situarem na história da salvação e seja qual for a etapa dessa história onde estejam colocados.

## 2. UM ESPÍRITO PARA A IGREJA E PARA O MUNDO

O Pentecostes resulta ser muito importante para a percepção que a primeira comunidade dos discípulos teve da ação do Espírito na Igreja e no mundo. Foi o Espírito que lhes comunicou a fé no Senhor crucificado e ressuscitado e os levou à compreensão da universalidade do que aconteceu em e por Jesus, reconhecido como o Cristo.

A narração lucana do Pentecostes faz supor uma universalidade intencional do dom do Espírito: o dom das línguas (At 2,4,6) e a presença de "judeus piedosos" vindos "de todas as nações que há debaixo do céu" (At 2,5). Do

mesmo modo, Pedro, no discurso à multidão (At 2,14-21), explica o sentido do Pentecostes como realização da profecia de Joel (Jl 3,1-5) em que se fala do Espírito que será derramado "sobre toda carne", e "os filhos e as filhas", mesmo "os escravos e as escravas" profetizarão. Ainda

mais, para Pedro se torna cada vez mais claro que o Espírito é oferecido também para os gentios: "Ora, o conhecedor dos corações, que é Deus, deu testemunho em favor deles - os gentios - concedendo-lhes o Espírito Santo, assim como a nós" (At 15,8).

Parece que ele está lembrando o que aconteceu na casa de Cornélio: "Pedro estava ainda falando estas coisas, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que tinham vindo com Pedro, ficaram estupefactos, ao verem que também

sobre os gentios se derramara o dom do Espírito Santo, pois ouviam-nos falar em línguas e engrandecer a Deus" (At 10,44-46). Pedro, narrando isto aos irmãos de Jerusalém, fala do que aconteceu quase como se fosse um novo Pentecostes para os gentios: "Ora, apenas começara eu a falar, veio o Espírito Santo sobre eles - os gentios - assim como sobre nós no princípio. Lembrei-me então desta palavra do Senhor: *João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo*. Portanto, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem seria eu para poder impedir a Deus de agir?" (At 11,15-17).

Para Pedro, o fato de os gentios terem recebido o Espírito enquanto estavam escutando a sua mensagem, foi um claro sinal de que também eles eram destinados para o batismo (At 10,47; 11,15-17). Temos que levar em conta o fato de que todos os escritos do Novo Testamento se dirigem a comunidades cristãs; era, pois, natural que esses escritos ligassem estreitamente a regeneração do homem no Espírito Santo à obediência da fé e, de maneira particular, ao batismo cristão (cf Jo 3,5). Em todo caso, não faltam textos acerca da nova vida do homem no Espírito de Deus, que seria errado referir somente aos membros das comunidades cristãs (1Cor 15,45; Rm 8,9; 2Cor 3,17; Gl 5,22-25)<sup>6</sup>.

Além disso, está claro que Paulo, por um lado, entende que a ação do Espírito Santo se concentra sobre os membros da comunidade cristã e nos seus corações. Por outro lado, ele nunca quis restringir a ação cósmica da regeneração do homem através do evento Jesus Cristo, que é vida nova para todos os seres humanos. "Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo" (2Cor 5,19). A ação cósmica do evento Jesus Cristo está testemunhada na criação nova que abraça o mundo todo e não só a Igreja (2Cor 5,17), na realidade do Homem Novo criado dos dois povos, os judeus e os gentios (Ef 2,15-16). Do mesmo modo, Cl 1,20 e 3,10-11; Ef 1,10 e 2,18 destacam essa dimensão universal do evento Cristo na teologia paulina.

"Paulo, então, afirma que o mistério da Cruz e Ressurreição do Senhor tem uma dimensão cósmica: a ação do mistério de Cristo abrange o universo inteiro. A Igreja é inegavelmente o espaço privilegiado dessa influência que, em todo caso, supera de muito os seus limites para estender-se ao cosmo todo. A Igreja e o mundo inteiro representam,

---

*"A presença operante do Espírito, força de vida, dentro de toda a criação"*

---

por assim dizer, dois círculos concêntricos em torno de Jesus Cristo-cabeça, cuja ação universal abraça ambos: a Igreja é o círculo interno; e o cosmo, o externo. Por isso, Cristo é a Cabeça da Igreja (Cl 1,18; 2,19) e do universo (Cl 1,15-18); Ef 1,22), enquanto só a Igreja é seu Corpo (Cl 1,18; Ef 1,22-23). O círculo interno está mais perto do Cristo que o círculo externo. Todavia, Cristo representa o centro comum”<sup>7</sup>.

## *“A efusão do Espírito no Pentecostes é um evento que não está restrito à comunidade cristã”*

Assim dizemos que a efusão do Espírito no Pentecostes, embora seja essencial para a Igreja de Jesus Cristo, é um evento que não está restrito à comunidade cristã, mas é a recriação, pelo Espírito, da humanidade inteira e do cosmo. A ação do Espírito torna o evento Cristo presente a todos os homens renovando-os; faz nascer a comunidade cristã, mas vai além dos limites do cristianismo para dar a vida a cada homem e transformar o cosmo.

### **3. O ESPÍRITO E A UNIDADE DO GÊNERO HUMANO EM CRISTO**

Voltando a considerar a criação como primeiro ato da autocomunicação divina em vista da manifestação de Jesus Cristo, temos que destacar uma originária unidade de todo o gênero humano em Cristo desde a criação, embora essa unidade seja de perfeita percepção só à luz da revelação do mesmo Jesus Cristo. A criação em Cristo, o fato de ser o homem, na sua realidade de imagem e semelhança de Deus, o lugar da encarnação do Filho de Deus e o destino final de todos em Cristo, leva-nos a afirmar que não há ser humano que não seja desde já marcado por essa autocomunicação que, como acabamos de dizer, sempre se faz no Espírito.

Não existe autocomunicação de Deus a não ser no Espírito, e toda autocomunicação tem Jesus Cristo como seu centro de perfeita manifestação. O Espírito não começou a sua obra só depois da Páscoa de Jesus Cristo, mas ele está presente onde Deus se autocomunica: na história de Jesus de Nazaré e também na história de Israel e na história da humanidade: “Quando, no dia do Pentecostes, o Espírito Santo se derramou sobre os discípulos do Senhor, não se tratou de um início do dom, mas de um acréscimo de generosidade, pois também os Patriarcas, os Profetas, os Sacerdotes e todos os Santos, que viveram nos tempos antigos, foram vivificados pela obra santificante do mesmo Espírito... embora não na mesma medida”<sup>8</sup>.

A carta aos hebreus 11,1-7 testemunha-nos que o dom da fé já foi oferecido por Deus aos “santos pagãos” da

aliança cósmica: Abel, Henoc e Noé. Ora, se é a fé que torna agradável o homem a Deus (Hb 11,6 - cf *Ad Gentes* 7), essa fé não pode ser considerada exclusivamente como natural: Deus está envolvido e se autocomunica de maneira tal que suscita a fé do interlocutor no seu Espírito.

Podemos assim distinguir três etapas diferentes da história da salvação em que o Espírito está sempre presente. E isto porque, embora de maneira diferente e com orientação para a plenitude da revelação em Cristo, Deus se autocomunica em três grandes momentos: a) **na aliança cósmica** (Adão, Gn 1-6 e Noé, Gn 7-11): revelação inicial e pessoal de Deus para todos os povos; b) **na aliança com Israel** (Abraão, Gn 12ss e Moisés, Ex 2ss): Deus começa uma história particular, com um povo, para preparar sua definitiva manifestação; c) **na aliança nova e eterna** em Jesus Cristo, o Filho unigênito encarnado, morto e ressuscitado: revelação definitiva, com a qual toda autocomunicação de Deus na história tem que se confrontar, porque ali encontra sua plenitude.

“Sem dúvida, temos que fazer uma distinção entre graça pré-cristã e graça cristã. Mas não podemos afirmar, para distingui-las, que o Espírito esteja ausente na primeira e presente na segunda: o que seria, de fato, a graça divina sem o dom do Espírito Santo? No Antigo Testamento, aliás, a diferença aponta para o fato de Deus se doar para o homem através do Verbo ainda não encarnado (mas já destinado à Encarnação) no Espírito, enquanto na nova economia o seu dom chega ao homem através do Cristo glorificado. Isto é o conteúdo da afirmação teológica conforme a qual a humanidade de Jesus, transformada na glória da Ressurreição, vira fonte de toda graça. Em ambas as ordens e em qualquer condição, o dom que Deus faz para o homem supõe a presença ativa do Espírito. Por causa da glorificação da humanidade do Verbo encarnado, o Espírito de Deus se tornou da mesma maneira o Espírito do Cristo e, desde aquele momento, vem oferecido aos homens pelo Senhor ressuscitado”<sup>9</sup>.

A unidade de toda a humanidade na criação, orientada para a autocomunicação definitiva de Deus em Jesus Cristo, que fundamenta uma nova e eterna unidade na salvação, faz com que, embora de maneira diferente, todo homem seja marcado pela presença do Espírito e só nele possa ser salvo. Cada ser humano, portanto, “associado ao mistério pascal, configurado à morte do Cristo e fortificado pela esperança, chegará à ressurreição”. Isto vale não só para os cristãos, mas também para todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça opera de modo invisível (cf *Lumen Gentium* 16). Com efeito, “tendo Cristo morrido por todos e sendo uma só a vocação última do homem, isto é, divina, devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido só por Deus, a este mistério pascal” (*Gaudium et Spes* 22).

O Espírito tem em Jesus Cristo o ponto central no seu processo de assimilar cada pessoa humana à salvação. Ele não está, é verdade, no centro da autocomunicação de Deus. Cristo é o centro. Mas, como operador da comunhão intratrinitária, é ele que torna possível tanto a assimilação a Cristo como a abertura do homem para ele. Essa abertura, embora conheça na fé explícita em Jesus Cristo a sua forma mais madura e completa, conhece também outras maneiras de se orientar para ela.

#### 4. OS SINAIS DO ESPÍRITO

O Espírito, no Pentecostes, foi entendido como dom para a Igreja assim como para o mundo inteiro. Então ele estaria operando dentro e fora dos confins visíveis da comunidade cristã. Sem nunca deixar a sua referência essencial a Cristo como plenitude da divina autocomunicação, ele age no universo inteiro e no coração de todos aqueles que vivem uma experiência humana autêntica conforme a sua consciência (*Lumen Gentium* 16; *Dignitatis Humanae* 3; *Gaudium et Spes* 16) ou pertencem a outra Tradição religiosa.

Paulo, dirigindo-se aos gálatas (Gl 5,22-23), enumera os frutos do Espírito no homem submetido à sua presença operante: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio. No contexto da contraposição entre a lei do Espírito e da carne, o Apóstolo explica a nova realidade da liberdade que Cristo havia tornado possível no Espírito (2Cor 3,17). Agora, onde quer que se encontre esse fruto, temos que reconhecer um sinal da presença do Espírito do Pai e do Cristo ressuscitado, visto que a primeira comunidade cristã percebeu, no Pentecostes, que o Espírito descera sobre ela mas, do mesmo modo, ao mundo inteiro. De outra forma, a morte e a ressurreição do Cristo não teriam sido universais, isto é, para todos.

---

*"Ele é Espírito  
porque se  
relaciona com  
tudo aquilo  
que é diferente  
dele e o coloca  
em comunhão"*

---

Assim, segundo Rm 8,12-22, toda a criação, chamada à liberdade, estaria já experimentando as primícias dos frutos do Espírito, embora continue gemendo na espera do seu amadurecimento definitivo. O Espírito, que nos faz saborear a novidade do futuro da vida de Deus, leva-nos a experimentar com

maior profundidade e dramaticidade o mal, a imperfeição e a morte deste mundo. Os "gemidos inefáveis" e as "dores de parto" da criação que espera a definitiva redenção são frutos do Espírito que já abundantemente está derramado nos corações dos homens e na criação inteira<sup>10</sup>.

O Espírito encontra no seu ser-comunhão, que interliga o Pai e o Filho, e no seu comunicar a capacidade de entrar na comunhão divina, abrindo Deus para o ser humano, a história e o mundo, e todos estes para Deus, o caráter específico da sua personalidade. Ele é Espírito porque se relaciona com tudo aquilo que é diferente dele e o coloca em comunhão, abrindo a intimidade do ser para uma doação desinteressada. Só assim pode-se realizar aquilo que é a pessoa segundo a revelação cristã, porque só nessa transcendência a vida pode se autocomunicar em plenitude.

Na sua imprescindível referência a Cristo e na sua origem de Deus Pai, o Espírito vive no mundo como transcendência imanente<sup>11</sup>, porque está presente e totalmente envolvido na história humana e na criação, mas para abri-las ao seu destino: Deus.

Tudo aquilo que abre o homem para essa transcendência no amor fraternal, na experiência mística de outra tradição religiosa, no compromisso com a justiça, com a paz e com a libertação, não deveria ser menosprezado. E isto porque, embora imperfeito, seria sempre um "gemido do Espírito" à espera de seu cumprimento definitivo no Cristo (*Ad Gentes* 9; *Gaudium et Spes* 26). Desde que tudo isso seja vivido na máxima gratuidade, com uma dedicação totalmente desinteressada e para construir a comunhão entre as pessoas que não exclua explicitamente o transcendente, há uma abertura para a comunhão com Deus.

Podemos dizer que, lá onde se encontra uma verdadeira oblação do ser como abertura para o outro e uma radical abnegação para o amor e para uma desinteressada comunhão, aí está o Espírito, que impulsiona para o bem.

Lá onde o homem faz uma profunda experiência da sua interioridade, percebendo o Outro transcendente e absoluto que chama e é invocado, aí está o Espírito (Rm 8,26-27). Toda oração autêntica, cristã ou não, é obra do Espírito Santo, que está misteriosamente presente no coração de cada pessoa humana: assim se expressou JOÃO PAULO II no seu discurso à Cúria Romana no dia 22 de dezembro de 1986, falando do encontro inter-religioso de oração pela paz em Assis, realizado dois meses antes<sup>12</sup>.

A experiência da própria interioridade na oração não é isolamento egoísta mas um perder-se em profundidade para redescobrir-se em Deus. Esse novo horizonte amplia a capacidade da doação. Quanto mais o homem se perde por Deus, tanto mais se reencontra: "*Aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho irá salvá-la*" (Mc 8,35; cf *Gaudium et Spes* 24).

Portanto, não podemos deixar de reconhecer que cada verdadeira e autêntica kênose que o homem vive está de alguma maneira em relação com a única grande kênose, a do Filho (cf Fl 2,6-11). E o homem pode "perder-se" sem se autodestruir, porque esse movimento é feito no Espírito que personaliza tanto mais quanto mais o homem se entrega a ele. Esse esvaziamento para uma vida plena não se pode dar a não ser no Filho, que é o "Esvaziado" por excelência. Na sua kênose, ele nunca deixou de ser Filho, exatamente em virtude do Espírito. Na sua obediência até a morte, para

---

cumprir a vontade do Pai, ele revelou a plenitude do seu ser Filho. De fato, o Espírito eterno pelo qual Cristo "se ofereceu a si mesmo a Deus como vítima sem mancha" (Hb 9,14) é "o poder de uma vida imperecível" (Hb 7,16). "Poderíamos afirmar

---

*"O Espírito Santo  
está presente aí  
onde Deus se  
autocomunica"*

---

com CALVINO e pensar que Cristo não sofreu a morte só exteriormente, ou casualmente, mas a experimentou e aceitou interiormente, 'por virtude do Espírito'. Os verdadeiros atores, na paixão e morte do Cristo, não são os romanos nem a morte mesma, mas o próprio Cristo em virtude do Espírito Divino, que nele opera. Na teologia da doação total

através do Espírito de Deus, Cristo se torna sujeito do seu próprio padecer e morrer<sup>13</sup>.

O Espírito Santo está presente aí onde Deus se auto-comunica e onde o homem se abre para a comunhão que o transcende. Só aí o Pai, em virtude do Espírito, reencontra a si mesmo no Filho que, sempre através do Espírito, está atuando nos homens e nas mulheres, tornando-os filhos e filhas de Deus. O Espírito, na sua referência essencial a Jesus Cristo, cumpre ainda uma obra de "convencimento do mundo, quanto ao pecado, à justiça e ao juízo" (Jo 16,7-8), que desmascarará tudo o que não tem nada a ver com uma oblação e um esvaziamento desinteressado, na comunhão e na oração, tanto dos cristãos como dos não cristãos.

Além disso, o Espírito, nesse movimento de transcendência, está também presente como a força que, comunicando a vida, impulsiona para aquele cumprimento que na história já conhece a sua plena manifestação em Jesus Cristo, mas se encontra ainda a caminho para a sua plenitude escatológica.

A respeito das outras Tradições religiosas, temos que reafirmar o fato de que seus membros estariam em contacto com o mistério de Deus e, segundo a *Gaudium et Spes* 22, no Espírito eles estariam em comunhão com o mistério pascal, embora de uma maneira conhecida só por Deus. *Gaudium et Spes* 22 fala de uma maneira invisível e individual de Deus chegar ao coração de cada ser humano. Muitas vezes se falou de que todos podem ser salvos, apesar de sua diversa Tradição religiosa. Agora, outros textos do Vaticano II (*Lumen Gentium* 16 e 17; *Nostra Aetate* 2; *Ad Gentes* 3, 4, 7, 9 e 11), ainda que não falem expressamente das outras Tradições religiosas como caminhos de salvação para seus membros, reconhecem a presença de alguns elementos (palavras, gestos, prática moral) que, purificados, aperfeiçoados e elevados por Jesus Cristo no Espírito, são germes do bem e trazem verdadeira experiência de Deus e da salvação.

Agora, o problema seria de analisar se e em que medida as Tradições religiosas podem se revelar como instrumentos de salvação dos seus membros, como verdadeiros caminhos de salvação em Cristo, embora imperfeitas e orientadas para a Igreja. Mesmo que não seja aqui o lugar para desenvolver uma reflexão sobre esse assunto, indico duas importantes e recentes reflexões: a obra, citada também neste artigo, do jesuíta Pe. Jacques DUPUIS, *Gesù Cristo Incontro alle Religioni*<sup>14</sup>, e o documento da Congregação para a Evangelização dos Povos e do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, de 1989, intitulado *Diálogo e Anúncio*<sup>15</sup>.

## 5. ESPÍRITO, REVELAÇÃO CRISTÃ E IGREJA

A referência do Espírito a Jesus Cristo, embora não anule a especificidade do primeiro na ação cósmica, na história de Israel e na realidade histórica dos não cristãos, implica uma relação de maturação de todos os seus frutos rumo à plenitude que é Jesus Cristo, e uma orientação para a sua comunidade, que é a Igreja. E esta vive uma mediação sacramental sempre relativa ao seu Senhor, nunca se substi-

tuindo a Ele, mas, embora na imperfeição da história e do pecado, vive e proclama a Palavra que Deus, de maneira definitiva, falou em Seu Filho para os seres humanos (cf Hb 1,1), celebra os sacramentos da salvação cuja validade está sustentada pela promessa do Salvador de estar sempre com ela, e recebe a lei da Nova Aliança que faz com que o amor para com o próximo seja vivido como amor para com Deus. No espaço e no tempo da história, a Igreja representa a plena visibilidade e sociabilidade histórica do mistério de Jesus Cristo.

Na vida da Igreja, aberta para o cumprimento escatológico, o Espírito Santo se liga com um pedaço da história humana que, por causa da fé, se reconhece explicitamente marcado pela presença operante de Jesus Cristo. Na Igreja, por causa da Revelação de Jesus Cristo e da fé, os cristãos reconhecem explicitamente que Deus se autocomunica de maneira definitiva e plena em Jesus de Nazaré, Redentor da humanidade na sua morte e tornado Senhor do universo na sua ressurreição. Nas outras Tradições religiosas e na experiência dos frutos do Espírito Santo, embora Deus se autocomunique de verdade no seu Espírito, não há um explícito reconhecimento, na fé, de que esse Deus se autocomunica de maneira plena e definitiva em seu Filho, Jesus de Nazaré. Lembremo-nos de que, embora Cristo seja Cabeça da Igreja e do universo, só a Igreja é o seu Corpo.

A novidade da fé cristã não é só uma novidade psicológica em que o homem simplesmente passaria de uma experiência implícita de Deus para uma explícita, que consistiria só na formalidade da profissão de fé e da agregação a um novo grupo. Na consistência sacramental da Igreja, que Jesus Cristo continuamente dinamiza no Espírito, a conversão à fé cristã implica para o homem uma nova Palavra a ser escutada e aceita como reveladora de Deus e do sentido da vida humana, a celebração de novos gestos sacramentais em que o Senhor opera a

salvação, uma nova vida moral que nasce da nova lei do Cristo, e uma nova comunidade em que o amor para com os irmãos impulsiona também um explícito testemunho do Evangelho de Jesus. A conversão precisa de uma mudança de vida até o cristão ser transparente testemunha do seu Senhor e da nova vida que o sopro do Espírito produz nele (*Ad Gentes* 7). Trata-se de uma nova Revelação a respeito da sua precedente Tradição religiosa ou situação existencial.

Só na Revelação cristã Deus assume nossa humanidade e nossa história como sua: portanto, de maneira historicamente "plena e direta", embora ainda a caminho para seu cumprimento escatológico. Deus fala uma Palavra e se comunica em gestos sacramentais a que nada pode ser acrescentado e que são o ponto de partida para discernir todas as outras palavras que Ele falou e ainda está falando nas diferentes Tradições religiosas. Nós podemos reconhecer a presença operante do Espírito que se visibiliza nos seus frutos nos homens e na criação inteira, pois Ele já nos comunicou a vida nova em Cristo através do testemunho da sua Igreja.

Sem esse Evangelho seria impossível para nós interpretar a presença do Espírito e, ainda, chamá-lo por seu nome, onde está presente. Nesse encontro com a Revelação

---

*"Na vida da Igreja,  
o Espírito Santo  
se liga com o  
evolver da  
história humana"*

---

de Jesus Cristo, anunciada pela sua Igreja, tudo aquilo que o Espírito opera, nas outras Tradições religiosas e nos seus membros, conhece a possibilidade de purificação dos elementos ambíguos e pecaminosos. Falar da obra do Espírito Santo no universo implica também admitir que, exatamente por que no mundo, essa obra conhece o pecado e, portanto, se apresenta na ambigüidade típica da nossa realidade histórica. O Espírito faz com que os frutos da sua ação no mundo, encontrando de maneira explícita Jesus Cristo, sejam purificados e aperfeiçoados, uma vez que o Espírito mesmo é Deus que "convence o mundo quanto ao pecado" (cf Jo 16, 7-8).

Fora da comunidade cristã, Deus encontra os homens no Espírito que os impulsiona rumo a Cristo, embora seu rosto histórico e humano permaneça desconhecido. Na Revelação cristã Deus encontra os homens na humanidade histórica de Jesus de Nazaré que, pela força do Espírito Santo, revela o rosto invisível do Pai e cria a comunhão com Ele. Se toda religião e experiência humana autêntica contém uma maneira de Deus se aproximar do homem, na Revelação cristã a iniciativa de Deus se torna plenamente humana e histórica.

Afinal, só Deus conhece quando, como e se, todos ou só alguns dos germes da Sua presença, no universo inteiro, passarão para a visibilidade e sociabilidade histórica da Igreja do Seu Filho. O Espírito é sempre o Espírito do Pai e do Filho que, pairando sobre o universo inteiro desde o seu principio (cf Gn 1,2), descobre na Igreja a sua comunidade, embora esta não esgote a sua presença e sua obra no universo.

## NOTAS

<sup>1</sup> *Lumen Gentium* 16 e 17; *Nostra Aetate* 2; *Ad Gentes* 3, 4, 7, 9 e 11; *Gaudium et Spes* 11, 15, 16, 17, 22, 24, 26, 32, 36, 38, 39, 40, 92 e 93

<sup>2</sup> *Dominum et Vivificantem*, de 18 de maio de 1986, III, 53

<sup>3</sup> *Dei Verbum* 4; *Ad Gentes* 3; *Gaudium et Spes* 38

<sup>4</sup> Cf DUPUIS, J., *Western Christocentrism and Eastern Pneumatology, Jesus Christ and His Spirit*, Theological Publications in India, Bangalore, 1977, 21-31

<sup>5</sup> MOLTSMANN, J., *Lo Spirito della Vita. Per una Pneumatologia integrale*, Queriniana, Brescia, 1994

<sup>6</sup> DUPUIS, J., *Gesù Cristo incontro alle Religioni*, Cittadella Editrice, Assisi, 1989, 215

<sup>7</sup> Id., *ibid.*, 216

<sup>8</sup> São LEÃO MAGNO, *Sermo* 76, PL 54, 405-406, cit. em *Ad Gentes* 4.

<sup>9</sup> DUPUIS, J., obra cit., 230

<sup>10</sup> Cf MOLTSMANN, J., obra cit., 92-95

<sup>11</sup> Cf JOÃO PAULO II, *Dominum et Vivificantem*, Encíclica sobre o Espírito Santo na vida da igreja e do mundo, Ed. Paulinas 1986, III, 54

<sup>12</sup> No dia 27 de outubro de 1986. Cf JOÃO PAULO II, *Assisi, Giornata Mondiale di Preghiera per la Pace*, Pontificia Commissione "Justitia et Pax", Roma 1987, 143-150

<sup>13</sup> MOLTSMANN, J., obra cit., 80

<sup>14</sup> Ed. italiana: Cittadella Editrice, Assisi, 1989

<sup>15</sup> Documentos Pontifícios 242, *Voices*, Petrópolis

## Endereço do Autor:

Seminário Teológico do Pime  
Cx Postal 5046  
88040-970 - Florianópolis, SC

## A Era do Espírito

# O Espírito Santo e o Feminino

Ir. Teresinha Milanez DP  
Professora de Exegese do NT

## INTRODUÇÃO

A sensação que experimento ao me encontrar com este tema é a de quem está entrando numa floresta. Tateio aqui e ali, vendo algumas pegadas de companheiras e companheiros que por aqui já fizeram

caminho. Às vezes tudo fica nebuloso, e o caminho parece desaparecer. Mas sinto uma brisa leve que me impulsiona e provoca em mim sede de libertação. Então continuo o cami-

nho, porque sei que há outras pessoas querendo caminhar comigo. A brisa leve vai entrando em mim, fazendo-me enxergar novas cores, cores de vida. Já posso ouvir o canto de pássaros e o barulho das águas que refrescam meus pés. Caminhamos, não obstante preconceitos ou o desconhecido da floresta. Continuamos a acreditar no sonho que já vimos, ouvimos e apalpamos. Vencido o cansaço inicial, dedico-me a dar mais um passo, a ir para mais dentro da floresta. A brisa leve e companheira me inquieta e me faz andar.